

"A RIVALIDADE ENTRE O HOMEM MOÇO E O HOMEM VELHO":

**o conflito de gerações em *Sobrados e mucambos***

publicado no livro Quem Somos Nós – 60 Anos Sobrados de Mucambos, organizado por Maria do Carmo Tavares de Miranda, publicado pelas Fundação Joaquim Nabuco e Editora Massangana, em 2000

os números em assinalados em vermelho na margem direita do texto referem-se às páginas de sua publicação no livro

o texto foi escrito originalmente para simpósio sobre os 60 anos de Sobrados e Mucambos, realizado em 1996

**Hermano Vianna**

**81**

*Sobrados e mucambos* é a descrição de um processo de decadência, aquela do sistema patriarcal brasileiro. Como Ricardo Benzaquem de Araujo bem demonstra em *Guerra e paz*, para Gilberto Freyre, nesse processo histórico-antropológico irreversível, "acentua-se também, enormemente, a distância que separa brancos e negros" (Araujo, 1993: 175). Esses dois grupos raciais passam a atuar como "metades antagônicas ou, pelo menos, indiferentes" (*idem*, 176), em claro contraste com as tendências sincréticas do patriarcalismo estudado em *Casa-grande e senzala*. A decadência, então, para um autor que sempre foi explícito na defesa do sincretismo e da mestiçagem, era vista com pesar e com a nostalgia de algo melhor que se perdeu? Essa pergunta não tem uma resposta simples, nem imediata, nem única. Esta minha comunicação, que abordará o problema do conflito geracional e da própria invenção de uma inédita "juventude rebelde" no "admirável mundo novo"

urbano de *Sobrados e mucambos*, é apenas uma tentativa de questionar todas as respostas possíveis, evidenciando mais uma vez o brilhantismo polimorfo, e portanto extremamente atual, do pensamento de Gilberto Freyre.

Pois Gilberto Freyre era também um mestre do ambíguo, no melhor sentido contestador que esse termo pode ter. Ele próprio assumiu, no seu diário e como resposta para críticas culinárias - por preferir bifes e caviar a muitos pratos nordestinos - de Manuel Bandeira, essa característica cultivada de sua personalidade com palavras que não poderiam ser mais evidentes: "A verdade é que não pretendo ser lógico nem no meu 'regionalismo' nem em nenhuma das minhas atitudes." (Freyre, 1975: 221) Contudo, é preciso que fique claro:

82

esse propagandeado desejo de não ter lógica, nunca se transformou, em seu trabalho antropológico, numa atitude relativista absoluta, onde tudo se equivale a tudo, e onde não se pode estabelecer comparações valorativas entre as formas de vida social. Gilberto Freyre nunca escondeu sua preferência por sociedades mestiças - "mais ricas" - quando comparadas com "as chamadas ou consideradas puras". (Freyre, 1985: 659)

A própria expressão "chamadas ou consideradas puras" deixa entrever não só a dúvida com relação à existência desse tipo de sociedade, mas também uma teoria geral da vida social que Gilberto Freyre, talvez sabiamente, nunca quis tornar impiedosamente sistemática. Encontramos dela fragmentos espalhados por toda sua obra, mesmo naqueles artigos declaradamente mais teóricos. Não podemos tirar conclusões terminais da junção desses fragmentos (e Gilberto Freyre, no *Prefácio à primeira edição* de *Sobrados e mucambos*, concorda que seu livro "quase não conclui", quase por uma questão de método), mas não é difícil enumerar algumas pistas para essa hipotética

teoria freyreana do social.

Citando o professor Hooton, Gilberto Freyre afirma, em *Sobrados e mucambos*, que a "riqueza extraordinária" de civilizações como a egípcia, a grega e a romana está relacionada com miscigenação de povos que concorreram para formá-las. De alguma maneira, e aqui estou generalizando um tanto ou quanto imprudentemente algumas indicações de Gilberto Freyre, podemos perceber esse encontro de raças e de culturas em todas as civilizações humanas. O que varia, além da maior ou menor heterogeneidade desses encontros, é o grau e a qualidade da miscigenação que daí vai resultar. Gilberto Freyre pensa que quanto mais miscigenadas - e isso que estou chamando de grau de miscigenação pode variar historicamente - mais ricas (apesar de não definir com clareza o que vem a ser essa riqueza, a não ser com a utilização de outros conceitos que também podem ser acusados de serem vagos, como diversidade e complexidade) serão essas culturas. Mais do que isso: o contrário absoluto da miscigenação seria algo bem próximo da morte da ou em sociedade: "a segregação social esteriliza o homem ou o grupo humano e leva-o ao retardamento nos estilos de vida." (Freyre, 1985: 324) Daí a possibilidade de deplorar, no caso brasileiro, determinados aspectos da "fase de maior diferenciação social entre sobrados e mucambos", fase educadamente classificada como "difícil". (Freyre, 1985: 659)

Mesmo em fases "difíceis" como a da desintegração do sistema patriarcal brasileiro, e pode ser que isso aconteça em todas as sociedades - mesmo nas mais anti-sincréticas, "não têm faltado elementos ou meios de

intercomunicação entre extremos sociais ou de cultura". No *Prefácio à segunda edição* de *Sobrados e mucambos*, o tom é até mais confiante, otimista - para quem parte desse tipo de premissas - e

generalizante: "muita comunicação houve entre casas-grandes e senzalas, entre sobrados e mucambos e não apenas separação e diferenciação." (Freyre, 1985: LXIX) É como se não houvesse rupturas, mas apenas diferentes graus de afastamento entre os diversos grupos ou "subculturas" (esse não é um conceito freyreano) que formam as sociedades. É como se todas as sociedades fossem o produto da coexistência dessas duas forças: uma diferenciadora e outra pró-miscigenação. Ou, nas palavras utilizadas no *Prefácio à primeira edição* de *Sobrados e mucambos*: "é tempo de procuramos ver na formação brasileira, a série de desajustamentos profundos, ao lado dos ajustamentos e equilíbrios." (Freyre, 1985: L) Antagonismo e harmonia, guerra e paz, tudo ao mesmo tempo, tudo na mesma sociedade, em todas as sociedades.

Gilberto Freyre chega a afirmar que "os antagonismos nunca foram absolutos" a ponto de impedir a existência de mediadores (o termo é meu - e é com esse termo que eu interpreto o papel de Gilberto Freyre no processo de transformação do samba em música nacional brasileira, analisado em minha tese de doutorado, mostrando como essas suas idéias teóricas eram transformadas em práticas político-culturais), colocando em contato os mundos antagônicos. No caso brasileiro, entre esses mediadores (os que ligavam sobrados e mucambos contra as tendências dominantes da época), os mulatos são "um dos elementos mais poderosos de intercomunicação, pelo seu dinamismo de raça e, principalmente, de cultura." (Freyre, 1985: 659)

A existência desses elementos mediadores, por conseguinte, enriqueceria as civilizações. Daí a condenação de uma reeuropeização, segundo Ricardo Benzaquem de Araujo, "de vocação conseqüente, inflexível [os mediadores, como ainda veremos, primam também pela flexibilidade] e acima de tudo excludente." (Araujo, 1993: 181) Daí a crítica feroz contra o anti-tropicalismo da corte, "dominada pelos ingleses" (Freyre, 1985: 433), do futuro D. João VI instalada no Rio de Janeiro. Daí também a lamentação pela aniquilação do Oriente brasileiro, fator decisivo para diminuir a complexidade cultural - e também a complexidade natural, vide mangas e coqueiros -

que aqui existia. A sociedade que a reeuropeização tentava criar era a da anti-diversidade, da monotonia: tudo deveria ficar claro (era o "desassombramento" - Freyre, 1985: 430 - vide o processo policial violento contra as rótulas do Rio de Janeiro), ao mesmo tempo que tudo deveria ficar cinza, pálido, gerando aquilo que Gilberto Freyre quase amaldiçoa como "depressão dos sentidos". (Freyre, 1985: 311) Ricardo Benzaquem de Araujo afirma que as razões para esse repúdio à reeuropeização não são apenas frutos do nacionalismo. Poderíamos acrescentar: e nunca de um nacionalismo que signifique a derrota do pluralismo cultural.

84

Pois o alvo do ataque de Gilberto Freyre não é a Europa, a cultura européia, ou a "raça" anglo-saxã e sua indústria de massa. Por exemplo: em *Sobrados e mucambos* encontramos o elogio do "efeito nitidamente democratizante" (Freyre, 1985: 455) dessa indústria de massa e também de idéias européias que nos deram "noções mais exatas do mundo e da própria natureza tropical" (Freyre, 1985: 316). Também uma hegemonia (excludente) africana ou asiática seria condenável. Para citar, mais uma vez, Ricardo Benzaquem de Araujo, podemos dizer que encontramos em Gilberto Freyre a defesa de uma "maneira particularmente híbrida e plástica de combinar as mais diferentes tradições sem pretender fundi-las em uma síntese completa e definitiva." (Araujo, 1993: 181) A pluralidade de culturas (quanto mais culturas melhor) deve existir, mas sem o predomínio de uma sobre a outra. A diferença deve florescer, mas em contato com o diferente, em constante troca com o diferente. E como já vimos: um dos agentes principais dessa troca, desse contato entre mundos diferentes, é o mediador.

Mas há uma teoria da mediação, ou da "intercomunicação entre extremos sociais ou de cultura", em Gilberto Freyre? O que há realmente são exemplos de como essa intercomunicação se estabelece e de como atuam ou quem são os mediadores. O mulato (as generalizações sobre esse "tipo racial"

são de Gilberto Freyre, nunca minhas), por exemplo, teria "recursos plásticos" (Freyre, 1985: 646), do mesmo modo como as sociedades menos segregadas são também as mais plásticas. Gilberto Freyre compara o mulato ao adolescente, classificando-os como seres híbridos. Nesses dois tipos sociais encontramos (também como nas formações sociais) uma combinação complexa de antagonismo e docilidade com relação a outros grupos. O adolescente, por exemplo, "imita, exagerando-lhe os característicos do adulto - a voz grossa, a força, a superioridade intelectual e física; e junto a quem se externa em agrados e festas, em desejos de intimidade." (Freyre, 1985: 647) O mulato também apresentaria o mesmo "esforço doce, oleoso, um tanto feminino" (*idem*), ou melhor, entre o masculino e o feminino, entre o branco e o negro, entre o adulto e a criança. Isto é, sem lugar definido. O mediador incomoda por essa indefinição: não se transforma nunca num aliado totalmente confiável para os outros grupos sociais. Como o próprio Gilberto Freyre admite: o mulato às vezes é cúmplice do branco contra o preto, e outras vezes cúmplice do preto contra o branco. Suas decisões e alianças dependem sempre do contexto nas quais está inserido e nunca de um quadro de valores ou de uma moral eterna e pré-estabelecida. O ser híbrido é um *trickster*, um mensageiro a serviço dos deuses que, dependendo da situação, pode fazer o jogo dos humanos.

O mediador não pode nem ser considerado um aliado do processo de miscigenação. Em *Sobrados e mucambos* encontramos vários exemplos de jovens mulatos bacharéis que, formados na Europa, atuaram como os agentes mais fiéis da reeuropeização e da destropicalização do Brasil em sua era imperial. "A formação européia lhes tirava o gosto pela natureza bruta e quente do trópico." (Freyre, 1985: 576) Sua volta para o Brasil era encarada como um "verdadeiro tormento". Ao lado desse repúdio, houve a invenção de um sentimento oposto: um "nativismo exaltado" (que seguia algumas idéias de Rousseau, com seu culto do bom selvagem do "resto do mundo", e de outros iluministas europeus) que propunha "uma reconciliação com o meio nativo" e que, pela primeira vez na história

do pensamento social no Brasil, passou a exaltar "o trabalho do escravo, a ação criadora, brasileiromente criadora do proletário negro, índio e principalmente mestiço na formação nacional." (Freyre, 1985: 579)

As contradições entre essas duas maneiras de se relacionar com os trópicos, e com o Brasil, provocaram muitos dramas pessoais. Gilberto Freyre cita o exemplo de Arruda Câmara, como ápice das incoerências do pensamento "afrancesado" tropical, ao mesmo tempo seduzido e ressentido diante dos "donos do poder" nacional. Em *Sobrados e mucambos* também nos defrontamos com uma definição do romantismo como sendo a expressão "de homem de meia-raça sentindo, como os de meio-sexo, a distância social, e talvez psíquica, entre eles e a raça definidamente branca e pura, ou o sexo definidamente masculino e dominador." (Freyre, 1985: 590) Definidamente: como sempre Gilberto Freyre é sagaz e cuidadoso na escolha das palavras: como se a pureza fosse sempre, mais que a miscigenação, uma questão de definição, e também uma questão de quem tem o poder para definir o que ou quem é puro.

Aquele que está entre dois mundos, aquele que é indefinido dentro das classificações "puristas" dominantes, aquele que é instável (e até mesmo "romanticamente", ou psicologicamente instável): ninguém pode prever para que lado da balança social - ou do mercado de idéias - o mediador vai pender, ninguém sabe com quem o híbrido vai estabelecer suas alianças, nem quanto tempo essas alianças vão durar. O mulato de Gilberto Freyre, produto da nova urbanidade brasileira, ao mesmo tempo que introduz o chapéu alto de feltro como símbolo de elegância, reintroduz o chapéu de palha como moda para o verão. Ao mesmo tempo que tenta ser mais inglês do que qualquer inglês, é também agente da reintrodução de vários elementos "extra-europeus", como música e culinária, na vida afrancesada das cidades tropicais. As duas estratégias, aos olhos de Gilberto Freyre, têm suas vantagens. Na sua tentativa de imitar o europeu o mulato brasileiro comprovou mais uma vez o "vigor do híbrido" ao aprender com rapidez "surpreendente" (para uma época que acreditava nas

teorias racistas para as quais a miscigenação era sinônimo de degeneração biológica) a manejar trens, a fazer macarrão, a fabricar vidro. (Freyre, 1985: 344) Quem alertou Gilberto Freyre para esse "vigor" do mulato brasileiro foi o "sábio norte-americano" John Casper Branner, "contra os caturras que só enxergavam nele [e em outros homens das "gerações novas"] imitação dos europeus." (Freyre, 1985: 22) É curioso ver, em *Sobrados e mucambos*, o reaparecimento do geólogo Branner, que já havia sido citado nos diários de Nova York (1921) de Gilberto Freyre, como a pessoa

86

que pela primeira vez lhe falara sobre a inteligência e a força dos mestiços brasileiros, bem antes de suas aulas de antropologia com Franz Boas, que - segundo o *Prefácio à primeira edição de Casa-grande e senzala* - teria sido quem lhe "revelou o negro e o mulato no seu justo valor." (Freyre, 1981: LVII)

Ao lado do mulato, o "homem moço" também foi responsabilizado, por "caturras" e pelo próprio Gilberto Freyre, como propagandeador da reeuropeização. Sua indefinição entre o adulto e a criança, seus estudos na Europa e no Brasil (pois estamos falando principalmente do jovem bacharel) e a acusação de ser "desertor da aristocracia" patriarcal" (estando portanto entre o mundo rural do patriarca e um outro mundo sobre o qual ainda não tinha um controle completo), facilitava suas práticas de mediação ou intercomunicação entre culturas distintas, entre o novo sobrado afrancesado e a antiga casa-grande despreocupada com o "olhar inglês". Um "homem moço" que também era uma novidade na sociedade brasileira, como o predomínio do urbano, como a valorização do bacharelado. Um jovem bacharel que muitas vezes também era mulato. Mas quem realmente era esse moço? Como definir sua mocidade, fenômeno tão fugaz? E como que algo tão temporário, ser jovem, pode se transformar em categoria sociológica de longo alcance? Gilberto Freyre estava introduzindo uma questão - aquela que envolve o estudo da juventude - que só

ganharia real credibilidade no campo das ciências sociais a partir dos anos 1950 e 60. Mas talvez por sua simpatia diante de fenômenos plásticos e híbridos, *Sobrados e mucambos* contenha também um estudo pioneiro de antropologia da juventude brasileira.

Para Gilberto Freyre, o moço só tem espaço para aparecer no Brasil com a desintegração da sociedade patriarcal. Durante o predomínio do patriarcalismo, havia uma distância imensa entre o menino e o adulto, mas nenhuma categoria intermediária entre os dois extremos. O menino queria ser adulto o quanto antes, até mesmo para se livrar do sadismo com que era tratado dentro da casa-grande. Era como se a meninice fosse uma doença que tivesse que ser curada velozmente, e com toda a crueldade. Com a decadência do sistema patriarcal, esse antagonismo entre menino e adulto se transformou em rivalidade, com a inclusão de um terceiro termo numa relação que até então refletia apenas a total dominação de um extremo, o adulto, sobre o outro sem voz, o menino.

O recém-nascido jovem brasileiro encontrou um grande e poderoso protetor, o imperador D. Pedro II, também um "desertor

87

da meninice". (Freyre, 1985: 81) Os moços, com uma velocidade essa sim surpreendente (principalmente para os velhos patriarcas), passaram "a representar a velha ordem social e jurídica, que o Imperador encarnara", sendo os agentes principais de uma "política de urbanização e centralização." (Freyre, 1985: 82) Os moços ficaram tão cheio de si com sua vitória que nem mais tomavam a benção de seus pais, os velhos senhores pais. Gilberto Freyre imagina as perguntas que deviam rondar as decadentes casas-grandes, e que passaram a perturbar o sono de muitos outros pais no decorrer desse século, pais de hippies, punks e mangue-boys: "Que tempos seriam esses, santo Deus? Esses rapazes tão sem medo, tão sem respeito pelos mais velhos e até pelos santos,

pelo próprio Santíssimo Sacramento? Que fim do mundo seria esse?" A resposta de *Sobrados e mucambos* pretendia ser definitiva: "Era o declínio do patriarcalismo." (Freyre, 1985: 87) Era também, sempre segundo Gilberto Freyre, a transição do patriarcalismo para o individualismo. (Freyre, 1985: 88) Resta uma pergunta: esse novo tempo do individualismo será mais ou menos propício para mediações, para sociedades plásticas e híbridas, para miscigenações? Gilberto Freyre não procurava respostas para esse tipo de pergunta. Respostas com conclusões definitivas eram contra seu estilo e estratégia metodológica (também mediadora: "uma pluralidade de métodos ou técnicas" - Freyre, 1985: LXII). Seria melhor se contentar com sua sábia ambigüidade: a consolidação da sociedade brasileira, feita por mediadores como esses jovens mulatos, é um processo de integração e desintegração, de tendência coletivista e individualista (Freyre, 1985: 22). Assim mesmo: os dois opostos ao mesmo tempo. Pois como diz um velho, sábio e pós-moderno ditado, os opostos se atraem.

Quero terminar essa minha comunicação no melhor estilo de Gilberto Freyre, isto é, "quase sem concluir". Mas não poderia deixar de fazer mais uma citação de *Sobrados e mucambos*, desta vez do prefácio à sua terceira edição, lançada em 1961, e que portanto devemos também comemorar seu 35º aniversário. É um texto ousadamente profético: "Estamos em face de uma revolução de tal amplitude que ao lado dela a chamada Revolução Industrial [que constitui o pano de fundo de *Sobrados e mucambos*] se amesquinhará num brinquedo antropológico." (Freyre, 1985: XXXVI) Gostaria de saber o que Gilberto Freyre pensaria de nosso mundo pós-aldeia global, agora totalmente interligado pela

Internet. Vivemos então na cultura mais rica possível, onde todas as diferenças estão em contato imediato, onde todas as mediações são possíveis? Ou caminhamos para uma homogeneização

cultural planetária, um "retardamento dos estilos de vida" que pode ser consequência ou da vitória de um desses estilos, ou da segregação cultural baseada num programa multicultural totalmente diverso do elogio da mestiçagem proposto por Gilberto Freyre? *Sobrados e mucambos* pode não oferecer muitas conclusões, mas certamente sua leitura enriqueceria em muito, até mesmo como matéria para polêmicas acirradas, os debates sobre a globalização da cultura contemporânea e seus "seres híbridos", cada vez mais híbridos.

#### BIBLIOGRAFIA CITADA

ARAUJO, Ricardo Benzaquem de. 1993. *Guerra e paz*. Tese de doutorado, PPGAS, Museu Nacional, UFRJ.

FREYRE, Gilberto. 1975. *Tempo morto e outros tempos*. Rio de Janeiro, José Olympio.

\_\_\_\_\_. 1981. *Casa-grande e senzala*, 21ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio.

\_\_\_\_\_. 1985. *Sobrados e mucambos*, 7ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio / Pró-memória / INL.

VIANNA, Hermano. 1995. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar / Editora UFRJ.